

“Canoa não é força, é opinião”: O Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoeiros

Patricia Guerrero¹

Resumo

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas e o estigma de miserável que têm marcado, profundamente, os discursos produzidos sobre ele. A proposta deste artigo é compreender o Vale através do olhar de canoeiros do rio Jequitinhonha e, mais especificamente, através da memória social e dos discursos por eles produzidos, de modo a conhecer um pouco da história dessa região contada por pessoas que dela fazem parte. É importante salientar que, nesse trabalho sobre memória de canoeiros, o rio aparece como um dos elementos principais, senão o principal, para pensar o processo de rememoração, pois, além de permear, é ele quem conduz, na maioria das vezes, a narrativa.

Palavras-chave: memória; narrativa; canoeiros; Vale do Jequitinhonha.

¹ Mestre em Antropologia pela Unicamp. Doutora em Educação pela UFSC. E-mail: meonpry@yahoo.com.br

Abstract

The Jequitinhonha Valley, a region in Minas Gerais state, North-eastern Brazil, since a long time suffers problems and stigma of misery that deeply influenced the discourses about it. The idea of this article is to understand the Valley from the point of view of its oarsmen, more specifically, by social memory and production of discourses, for knowing a part of the history of a region counted by people that belong to it. It is important to emphasize that in this text the river appears as one of the principal components, if not the most important at all, for thinking about processes of remembrance, since, besides traversing the valley, it is the river which mostly represents the narrative string.

Keywords: memory; narrative; oarsmen; Jequitinhonha Valley.

Introdução

O Vale do Jequitinhonha, região situada no nordeste do estado de Minas Gerais, há anos vem carregando os problemas decorrentes da seca e o estigma de miserável que têm marcado, profundamente, os discursos produzidos a seu respeito.

Dentre os inúmeros sujeitos presentes neste universo, pretende-se, com esse trabalho, compreender o Vale do Jequitinhonha através do olhar de canoeiros do rio Jequitinhonha e, mais especificamente, através da memória social e dos discursos e narrativas produzidos por eles, de modo a trazer ao conhecimento um pouco da história do Vale, contada por pessoas que dele fazem parte.

Através dos depoimentos de alguns canoeiros², procurei aliar e entrelaçar sua história pessoal com a história do lugar. É importante

² Neste artigo, serão trabalhados os depoimentos de seu Gizério, canoeiro da cidade de Jequitinhonha, e de Mané Preto e Dema, canoeiros da cidade de Araçuaí. Serão feitas, ainda, algumas análises a partir da fala do canoeiro Odilo Paulo, também da cidade de Jequitinhonha. Durante a pesquisa foram realizadas, ao todo, onze entrevistas.

“Canoa não é força, é opinião”

salientar que, nesse trabalho sobre memória de canoieiros, o rio aparece como um dos elementos principais, senão o principal, para pensar o processo de rememoração, pois, além de permear, é ele quem conduz, na maioria das vezes, a narrativa.

Dessa forma, ao reconstruir sua história, o canoeiro reconstrói também uma história do rio e uma história do Vale, bem como deixa transparecer o contraste tanto histórico quanto geográfico presente nessa região. A proposta deste artigo é, portanto, contar e recontar uma história do Vale do Jequitinhonha através do olhar do canoeiro e procurar entender como se dá seu processo de rememoração e de reconstrução do passado.

A frase do canoeiro Odilo Paulo, da cidade de Jequitinhonha, enunciada no título deste trabalho: “Canoa não é força, é opinião”, resume não só o sentido e o significado que este ofício ocupou e ocupa na vida e na memória dos sujeitos dessa pesquisa, mas o sentido e o significado que o próprio cenário da pesquisa, o sertão mineiro, imprime nas pessoas que compõem este universo.

Por outro lado, esta frase ou, mais precisamente, o termo *opinião* reconfigura os estereótipos e os estigmas que têm marcado os discursos produzidos sobre o Vale. Ele possibilita uma nova maneira de olhá-lo e percebê-lo.

Este termo possui, ao mesmo tempo, um significado específico e múltiplo, na medida em que congrega e se desdobra em outras forças, como a força moral, e em outros valores, como, honra, orgulho, determinação, convicção, dignidade e perseverança.

Sendo assim, o processo de rememoração e de reconstrução do passado dos canoieiros, além de estar profundamente marcado pelo fluxo das águas do Jequitinhonha – onde o fio da memória vai se desenrolando ao longo da narrativa num movimento similar ao da canoa deslizando no rio –, está, também, profundamente marcado pela força sobre-humana necessária para a realização deste movimento. No entanto, a *opinião* se faz presente em muitos contextos, não apenas na fala do canoeiro, mas também nos versos cantados pelo sertanejo:

*Palmatória quebra dedo
chicote deixa vergão
cacete quebra costela*

*Cadê meu dedo, cadê minha mão
cadê minha faca e meu facão
cadê minha pistola e minha repetição*

mas não quebra Opinião cadê gente rica que tem boa ação
cadê gente pobre que tem Opinião mulber tá sentada fiando algodão

Assim, quando os homens e as mulheres do Vale falam em força, vontade, orgulho, são os múltiplos sentidos da *opinião* que encontramos. Ela é algo que se estende além do ofício do canoeiro, ela não se esgota na sua trajetória pelo rio, mas percorre toda a sua vida bem como a vida das pessoas do Vale.

É preciso, então, desafiar o rio, é preciso desafiar o Vale e o Sertão; é preciso superar os limites do corpo físico e até os limites que a própria natureza impõe ao homem para viver e sobreviver em regiões como essa. Vinculada a uma experiência coletiva, a *opinião* representa e expressa, concretamente como estas pessoas vivenciam e compreendem as coisas de sua própria experiência.

Entende-se melhor as palavras do canoeiro Odilo Paulo, e a sua intensidade, quando se conhece um pouco mais a história da navegação do rio Jequitinhonha e, principalmente, suas condições de navegabilidade.

O rio Jequitinhonha, por ser um rio empedrado e encachoeirado em grande parte de seu curso, não era considerado um rio propriamente navegável, tornando-se, assim, um desafio para os canoeiros que dependiam de muita habilidade e *opinião* para atravessá-lo. Típico rio de montanhas, o Jequitinhonha³ nasce na Serra do Espinhaço, em Pedra Redonda, município de Serro. Corta o nordeste de Minas percorrendo 1.086 Km – 888km em Minas e 198 Km na Bahia – ou 181 léguas, das quais 103 navegáveis, até encontrar o mar, na cidade de Belmonte, no sul da Bahia.

No final do século XVI, o rio Jequitinhonha já havia sido descoberto por aventureiros instigados pelas notícias da existência de metais e pedras preciosas no sertão mineiro, especialmente prata e esmeraldas. Iam em busca do ‘Sol da Terra’, que acreditavam poder encontrar às margens do rio.

³ O nome Jequitinhonha deriva de uma prática dos índios Botocudos de deixarem à noite, no rio, uma armadilha pronta para pegar peixe, certificando-se, no dia seguinte, de que no “jequi tinha onha” (jequi: armadilha de pesca feita de bambu; onha: peixe). O rio também é conhecido como Rio Grande e, já no estado da Bahia, é conhecido por Rio Grande de Belmonte.

“Canoa não é força, é opinião”

Com a descoberta de minas de ouro em Vila Rica (Ouro Preto), no século XVII, o rio Jequitinhonha foi abandonado e ficou esquecido até que, no final do mesmo século e início do século XVIII, descobriram ouro em Hivituriú (denominação indígena de montanhas frias), atual cidade de Serro. Quando, alguns anos mais tarde, descobriram diamantes no Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, consolidou-se, então, a exploração do rio Jequitinhonha e do rio Araçuaí, seu principal afluente.

Mesmo assim, demorou muitos anos para que ele fosse conhecido em todo o seu curso. No rio Jequitinhonha, o tráfego de grandes embarcações era praticamente impossível dada às grandes dificuldades que o rio apresentava e por este ser, em grande parte de seu curso, um rio de pedras. Apenas seu curso baixo, conhecido como rio de areia, apresentava condições um pouco mais favoráveis à navegação. De fato, a navegação no Jequitinhonha dependia muito da habilidade dos canoeiros e do conhecimento que detinham sobre o rio.

Descendo o rio com os canoeiros

O processo de rememoração dos canoeiros segue cursos diferentes: às vezes, guiado por um roteiro de perguntas, outras vezes, por suas próprias lembranças no rio. Costumam descrever o caminho percorrido sem precisar datas, nomeando os pontos do rio ou relatando os acontecimentos vividos durante a travessia, ora com entusiasmo, com alegria e saudade, ora com pesar e sofrimento.

Além disso, ao descreverem o cotidiano de seu trabalho, desde o carregamento da canoa com manufaturas até a chegada aos “pontos de arribada” entoando o beira-mar⁴, os canoeiros retratam, também, um período de intenso comércio ao longo do rio. Numa das cantigas de beira-mar, cujo nome é ‘Canoeiro’, pode-se perceber a referência às riquezas existentes nas terras do Jequitinhonha, bem como a atividade comercial exercida ao longo da travessia:

⁴ *Beira-mar* é o nome que recebe o canto de trabalho dos canoeiros.

*Canoeiro, canoeiro
Quê que trouxa na canoa
Trouxe ouro, trouxa prata
Trouxe muita coisa boa.
Quem não me conhece chora
Miquelina ei
Que fará quem me quer bem,
Miquelina.*

*Sou negociante, sou principiante
Comprador de ouro e de diamante
Tanto eu compro ouro,
Como eu compro gado
Não te dou dinheiro
Que eu não tenho trocado.⁵*

Nossos contadores canoeiros assemelham-se à figura do marinhoeiro comerciante do qual nos fala Benjamim (1994). Como narradores-viajantes, contam o saber de terras distantes, histórias de outros, vistas e ouvidas ao longo do caminho; porque saíram, têm o que contar. Mas, de alguma forma e, em algum momento, é possível também associá-los ao outro tipo de narrador enunciado por Benjamim: o camponês sedentário.

O primeiro, por viajar demais, tem muito o que contar; o segundo conhece por vivenciar e observar de perto suas histórias e tradições. Apesar de suas viagens, o canoeiro do Jequitinhonha seguia sempre o mesmo trajeto, passando pelas mesmas cidades e encontrando e reencontrando, quase sempre, as mesmas pessoas. Apesar de não se fixar em um mesmo espaço físico, não chegava a percorrer terras distantes e desconhecidas. O que se renovava em seu trajeto era o 'desafiar o rio'.

Falando assim, fica-se com a impressão de que o caminho refeito pelos canoeiros era sempre o mesmo, a mesma travessia, os mesmos canais, as mesmas cachoeiras. No entanto, não é bem isso que demons-

⁵ Essa beira-mar foi recolhido e gravado pelo Coral Trovadores do Vale, da cidade de Araçuaí. Informante: Filomena Maria de Jesus – Araçuaí. Existem outros cantos de trabalho que retratam o cotidiano de tropeiros, boiadeiros, tecedeiras, lavadeiras, etc.

tram nossos interlocutores. Cada viagem é uma nova viagem, um desafio renovado, uma nova aventura vivida nas mesmas cachoeiras, dificuldades enfrentadas e repassadas de outra forma. Nunca se sabe ao certo o que os espera na outra curva do rio. Conhecer o rio facilita a sua leitura, mas não impede que o novo apareça. São os mesmos lugares, mas é uma outra história, um outro acontecer.

Como enunciado na introdução deste trabalho, o fluxo das lembranças dos canoeiros está muito marcado e demarcado pelo fluxo das águas. O fio da memória vai se desenrolando ao longo da narrativa num movimento similar ao da canoa deslizando no rio e, esse caminho refeito pela canoa, refaz o cenário presente durante o percurso.

Ao reconstruir a sua história, o canoeiro reconstrói também a história do rio e a história do Vale do Jequitinhonha. Ele não só entrelaça a sua história com a do rio, mas o seu próprio destino.

Quando usamos o termo ‘reconstrução’, estamos nos reportando ao conceito de memória utilizado por Maurice Halbwachs (Halbwachs 1990; Bosi 1987), onde a memória é vista como uma *reconstrução* do passado e não como a *conservação* deste⁶.

Segundo Bosi – ao interpretar o pressuposto de Halbwachs –, essa reconstrução do passado, através da lembrança, não implicaria um reviver, mas um refazer, repensar, um ressignificar as experiências do passado, com as ideias e imagens do presente. E ela completa dizendo:

[...] memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com

⁶ Para provar esse pressuposto, Halbwachs não se preocupa em estudar a memória ‘pura’, mas os ‘quadros sociais da memória’, ou seja, estudar a memória do indivíduo atrelada ao grupo (ou aos grupos) no qual está inserido. Para ele: “...cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, é um ponto de vista que muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs 1990:51).

ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado no presente exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi 1987:17)

É possível perceber que, em muitos momentos, esse *trabalho* realizado pelos canoeiros, quando rememoram, é acompanhado de uma prática exercida por eles ao longo do rio. O ato de lembrar e o ato de remar se interagem na fala do canoeiro: ele conduz a canoa, ao mesmo tempo em que conduz a narrativa.

Sendo assim, é possível perceber também que “*existe um reviver no rememorar*”, existe um caminho que é feito, que é revisitado e que, ao lhe permitir viver de novo o que já foi vivenciado, “*completa mais do que o sentido não sabido, completa uma parte da vida ainda não vivida e tão passada*” (Brandão 1998:152).

“O reviver na narrativa” evoca, dessa forma, a expectativa de um futuro que estava presente no passado e que não se realizou. Ao reviver, assim, a sua história, ele ressignifica a experiência do passado, ao mesmo tempo em que ressignifica a expectativa do futuro.

Concordando com Bosi (1987), afirmei acima que o rememorar não é reviver. As afirmações de Brandão e de Bosi, apesar de aparentemente contraditórias, não o são de fato, pois Brandão não se refere a um reviver o passado ‘tal como foi’, mas a um reviver que ressignifica as experiências do passado – e as expectativas do futuro –, um reviver do que ainda não foi vivido.

Através do relato de três canoeiros: seu Gizério, da cidade de Jequitinhonha, Mané Preto e Dema, da cidade de Araçuaí, procurei demonstrar os pressupostos expostos acima.

“A Canoa rompe, rompe, rompe...”

Seu Gizério⁷, antigo canoeiro da cidade de Jequitinhonha, um

⁷ Esta entrevista foi realizada na cidade de Jequitinhonha, durante o Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha de 1996 – Festival – como ‘tarefa’ de um dos grupos participantes da oficina: “História do Vale do Jequitinhonha”, ministrada por Eduardo Magalhães Ribeiro. Seu Gizério começou a remar ainda menino,

“Canoa não é força, é opinião”

senhor forte, apesar de seus 84 anos, alegre, de pele bem morena, curtida de sol, nos recebeu na cozinha de sua casa e, antes que começássemos com nossas perguntas, nos deu a direção de sua fala: *“Então, começando de Salto da Divisa prá cá...”*. Vez ou outra nos perguntava se poderia incluir mais alguma informação: *“E essas pedras que tem na beira do rio, pedra grande, pode falar?”*.

Pretendia, dessa forma, discorrer sobre os pontos perigosos do rio, sobre as cidades que o margeavam, as pedras e as cachoeiras encontradas pelo caminho e devidamente batizadas pelos canoeiros. Queria falar sobre *“os nomes do rio Jequitinhonha”*, fornecendo, dessa maneira, o roteiro de sua viagem. E assim o fez. Apesar das nossas intervenções, não perdia o fio de sua narrativa e a retomava sempre que um outro assunto ou uma nova pergunta o pudesse fazer desviar-se dela.

Seu Gizério conta como quem vê, visualiza o cenário e, ao contar, permite que o ouvinte forme imagens de sua travessia e crie moldura para suas histórias. Ele presentifica o passado na narrativa e nos carrega junto com ele: *“agora vamo passá prá cima desse lugar...”*.

Ele toma a sua canoa e segue o caminho do rio rompendo pelas águas, ao mesmo tempo em que relembra, revive, reconstrói sua vida e seu ofício de viver e remar. Os pontos e os marcos descritos em seu percurso demarcam sua própria trajetória de vida no rio. Sua travessia não tem começo nem fim, tem continuidade. E, assim como toda história é o ensejo de uma nova história” (Benjamim 1994:13), sua viagem é o ensejo de uma nova viagem:

Então, começando lá do Salto da Divisa prá cá: Nova Gaia, uma casa que tem lá e chama Nova Gaia [...]. Agora, os pontos do rio é: Zueira, Panela...

Abaixo do Jacinto era Paga-Fogo, Foieiro, Estanhague, Canela-Demo. Deixa eu ver... Feijoal, os Periquito [...] tudo é nome de rio. São Simão, Córrego do Martim. Gangorrinha, Ilha do Pão.

por volta dos 12 anos. Para ele, aprender a remar é o mesmo que aprender a leitura e, assim, aprendeu a remar como quem aprende a ler sozinho: “Aquilo não precisava ensinar, não. [...] Os canal prá andar é igual a leitura, quem aprende aquilo, é o mesmo que saber a leitura. Tem que ir certo, se errar...”.

Deixa eu só perguntar pro senhor, até hoje ainda tem esses pontos todos no rio ou já sumiu um tanto?

Tem. Deixa eu ver agora. Depois da Ilha do Pão, tem Barra Nova. Simoa, agora é o Banco, só não empresta dinheiro. Deixa eu ver, aí rompe, rompe, rompe, rompe, rompe... Córrego de São Miguel que vem daqui de Joáima e cai no rio. Do rio prá riba não tem; tem o Quebra, é isso aí, aonde tem aquelas pedras. Mas aí, eles bota os nome com uns trem tudo certinho, porque aí se cair canoa ali, quebra. Já quebrou umas três, morreu gente ali. Agora vamo passar prá cima desse lugar. Cocar, Sete pecado, viaja, viaja, viaja, e o Angelim. [...] Carreira Comprida, Ciriba. O rio que tem lá agora, esses que eu tô falando aqui, tem o caminho, e quando é esses nome assim, é eles mesmos que põe, os canoeiros pergunta um pro outro: 'em qual lugar tá correndo?'

E, deixa eu ver agora. Tem Azabroba. Ô gente, ficou o Cerqueiro do Alto que eu não pus. [...] De cidade tem Jacinto, Almenara, que nesse tempo era Vigia. Guarilândia era Farrancho. Emburana tá aí, né. Emburana é pertinho de Almenara, perto de São Simão. Bom, nós deixô Azabroba. Escalavrado, São Pedro. Deixa eu ver, Estreito. Ah, um lugar que a canoa quando o rio tá cheio, eles têm que puxá porque se ela entrar... E tem uma rota assim que aquilo fica qualhadinho de pau, como que um pedreiro que arrumô aquilo. É bonito. Daí, Itaobim, a cidade. Córrego São João, Maravilha. Barra do Pontal, já tá perto de Araçuaí. Morro Redondo, já perto de Araçuaí. São Domingos é o nome de Santo. Terminou, chegou em Araçuaí, terminou. Agora eu vou voltar prá Itaporé. Itinguinha é um córrego que fica abaixo da Barra do Pontal. Lá é ponto de canoa. Chega aí de Araçuaí, vem do sul e vem do norte. [...] Depois de Itaporé, Janjão. E agora é Diamantina, nós vamo chegar à cabeceira do rio agora. Pedra Redonda no município de Serro. [...] Pedra Redonda é ponto que a escola que tem dá. Não é todo mundo que sabe não. Eu tenho dado muita lição prá esse povo.

Aliando o que viu ao que ouviu, seu Gizério vai construindo sua narrativa e entremeando sua experiência pessoal com fatos vividos por outros, da mesma forma, vai entrelaçando e cruzando sua história pessoal com a história aprendida e apreendida na escola.

Ao contrário do que pensam e dizem os contadores citados por Pereira (1996)⁸, para quem a escola converte-se numa ameaça ao saber popular, seu Gizério alia o que aprendeu na escola com o que apreendeu na prática do viver para, assim, consolidar seu saber, para construí-lo artesanalmente e (re)transmiti-lo a outros⁹.

Como um ‘artesão da memória’, seu Gizério incorpora à sua própria experiência vivida e narrada outras narrativas e, até mesmo, um saber formal, que lhe possibilita reconstruir a sua fala. E é esse saber, elaborado à luz de outros conhecimentos, o que lhe permite e lhe autoriza a dar “*muita lição a esse povo*”.

Pereira também tece comentários a esse respeito, salientando e enfatizando o orgulho que sentem esses ‘sábios’ e ‘mestres’ contadores, pelo papel que exercem e pelo lugar que ocupam na comunidade na qual estão inseridos. Como ‘guardiães da memória’, ainda que ameaçados, continuam a transmitir, artesanalmente, uma bagagem de experiências e de conhecimentos úteis acumulados ao longo de ‘várias vidas’. Segundo as palavras da autora:

Esses contadores delimitam, em suas falas, o espaço de seu trânsito no Vale do Jequitinhonha, ao mesmo tempo que nelas ainda configuram a sua posição, o lugar que acreditam seu entre os mestres, os sábios da região. No exercício de uma tarefa artesanal, ensinam filhos, netos, amigos, moldam gerações para um trabalho manual, executando longe dos recursos urbanos, das escolas e, no desempenho dessa liderança, obtêm o respeito, o amor de seu grupo. Para isso recorrem às reminiscências, ao acervo acumulado de várias vidas, de muitas experiências, falando às vezes de coisas que apenas ouviram dizer, mas que, ao serem assimiladas à substância do seu viver, formam a necessária bagagem de conhecimentos úteis. Os contadores orgulham-se dos papéis que exercem

⁸ A escola, no texto de Pereira, é colocada pelos narradores como algo que ameaça a perpetuação da arte da narrativa oral, pois, ao ensinar “coisas em excesso”, ela rouba dos jovens “o interesse e a atenção à matéria transmitida pelos contadores” (1996:35).

⁹ Apesar do pouco tempo de estudo, seu Gizério acentua a importância da escola na construção do seu saber sobre o rio e sobre a região.

e do que representam para a comunidade, fazendo questão de deixar isso claro. (Pereira 1996:33)¹⁰

O dia a dia no rio, a duração de cada viagem, as paradas para almoço e descanso, o transporte de mercadorias que ligam cidades e pessoas, a contextualização socioeconômica e histórica da época da navegação no Vale, os *beira-mar* anunciando a chegada nos portos, as 'leis' e os costumes dos canoeiros, o imaginário sobre os índios do Jequitinhonha, o saber aprendido e o saber vivido, tudo isso são fatos que perpassam a narrativa de seu Gizério, realizada, muitas vezes, sob uma temporalidade descontínua, imprecisa e plural.

Nesse tempo, só viajava por canoa, negócio de sal vinha por canoa, pegava a embarcação lá e subia de canoa, vinha aí prá Araçuaí e vendia mercadoria por 16 mil réis. Esse rio era todo cheio de mato, tudo tampado de mato, só tinha índio...

E como eram as viagens, tinha muita cantoria?

É, beira-mar. Você quer ver quando descia uma canoa com eles cantando, era bonito. Saía todo mundo prá ver e quando chegava no comércio também, era a mesma coisa. Era a diversão deles. Era como os marinheiros...

[...] As viagens eram assim: tinha os pontos de comer, de quem sai daqui era na pedra da raposa. Tem um lugar aí que chama pedra da raposa, lá era ponto de almoçar. Quando tava ventando, que tava esse vento forte de baixo, saía daqui ia dormir em São Pedro, alcançava São Pedro. Daqui à Araçuaí ia com uns três dias. O vento forte ajuda. Botava tolda. Aí, os proeiros não trabalhava, era só o piloto, segurando de um lado e do outro do escalé¹¹. Ia em três canoeiros. Proeiro é quem ia na frente. Fica dois na frente e um atrás.

¹⁰ Vale ressaltar que a análise de narrativas orais e populares do Vale do Jequitinhonha (mais especificamente da região de Diamantina, que corresponde ao Alto Jequitinhonha), feita por Pereira, procura enfatizar a presença de uma memória mais coletiva do que pessoal, o que permite à comunidade resistir e permanecer apesar das dificuldades.

¹¹ Escalé ou escaler é uma canoa pequena.

“Canoa não é força, é opinião”

E tinha jeito de cozinhar dentro da canoa?

Querendo cozinhar, cozinha. Faz um fogão, cozinha café. E quem viaja de canoa só lava prato de homem passageiro, mas se o canoeiro pará de comê e botá o prato lá sem lavá, no outro dia ou de tarde, ele tem que lavá. Cada um tem que cuidar disso. A lei deles é essa. E cozinha também, hoje é de um, se ele for cozinheiro amanhã, já ele toma conta hoje. Hoje ele já bota o feijão no fogo, amanhã a gente pega e faz. Os outro ajuda a cortar uma verdura, uma coisa, mas o (tempero?), é ele que faz. Eh, ô povo que cozinha bom. Eles fazia uma feijoada...

[...] Era feijoada, arroz e farinha. Era os trem que eles comia, era isso. Peixe do rio, pescava. [...] Agora, tinha muito peixe, não podia demorá muito senão enchia a canoa.

[...] E tinha uma coisa, já ia acabando de comê, bebia água, ia viajando, não tinha moleza, não.

E tinha muita cachaça, seu Gizério?

Vigi. Quando viajava tinha uns que caía, ia botá a vara dentro d'água. Aqui, tinha um. Um dia, a canoa ia num vento aqui, ele foi botá a vara, virô, foi preciso do Florêncio, do piloto, pegá ele e botá dentro da canoa.

Essas professora de antigamente aqui, ia tudo prá Araçuaí, era de canoa. [...] Não tinha estrada de rodagem, é estrada cavaleira, ia de cavalo e ia de canoa.

O senhor levava as professoras?

Não, isso já era antigo, os outro é que conta.

Para discutir um pouco mais a questão da temporalidade, vou fazer uso do estudo de N. Denzin (1984) sobre o assunto. Em seu texto, a temporalidade é colocada como uma questão básica em estudos que se utilizam de depoimentos pessoais, e podem ser distinguidas duas formas: a *temporalidade mundana* e a *temporalidade fenomenológica* interior.

O tempo mundano é o tempo cotidiano, cortado, categorizado em blocos, pedaços e segmentos discretos que chamamos o passado, o presente e o futuro. O tempo fenomenológico é o tempo como fluxo contínuo, onde o passado, o presente e o futuro são proces-

...s contínuos dos quais a pessoa é parte, além disso, não possuem uma linha definida, possível de ser traçada e visualizada. (Denzin 1984:34)

A vida de cada pessoa vai se fazendo dentro e através dessas formas temporais e da forma como as pessoas agem e interagem no espaço-tempo. Cabe ao pesquisador, no momento da investigação, “ir tão longe quanto possível na vida do sujeito, até e inclusive o presente, enquanto regressa ou se movimenta para trás nas condições materiais, históricas e temporais que estabelecem as particularidades da vida e dos projetos do sujeito” (Denzin 1984:41).

Dentro de uma temporalidade que coloca o sujeito numa perspectiva aquém ou além de seu tempo, existem os sujeitos que transitam, que coparticipam de sua vida e de sua narrativa; existem vidas numa história de vida.

Segundo Denzin (1984:32), “a vida é uma ‘produção temporal’ que se estende antes, durante e depois do tempo de vida de uma pessoa. As vidas são propriedades biográficas pertencentes a pessoas e a outros, inclusive instituições, Nações-Estados e até a uma parte do sistema mundial”. Quando alguém fala de si, fala também de seus antepassados, de seus sucessores; fala de uma história que o atravessa.

O que dá sentido à narrativa e à rememoração de seu Gizério não é o que se encontra nos lugares, nem são os lugares a que se pode chegar e a que se chega, é a travessia e a ideia de movimento que está implícita nesta palavra.

Em sua narrativa prevalece o movimento, o reviver de sua história através do fluxo e do correr das águas. É como se a fala do canoieiro construísse ou reconstruísse um quadro em movimento e não uma moldura estática do passado, mas algo que acompanha o ritmo da narrativa. Sua lembrança implica um realizar novamente, navegar de novo nas águas do Jequitinhonha. Além de reconstruir um quadro em movimento, ele traça um mapa geográfico do rio Jequitinhonha e, com isso, reconstrói não só o tempo, mas o espaço onde se inscreve sua narrativa, o seu território: o rio.

“Lá vem o Caldeirão!!!”

Mané Preto¹², da cidade de Araçuaí (importante entreposto comercial no auge da navegação), começou a trabalhar como canoeiro em 1951, quando este movimento já estava acabando na região e já começavam a construir as primeiras estradas de rodagem.

Ele conta como se narrasse uma grande aventura, descrevendo o ‘tempo da canoa’ como um tempo em que ‘a vida era boa demais’. Mesmo nas situações mais adversas, quando descreve a passagem pelas cachoeiras, ou quando tinha que subir o rio na época da cheia, ou ainda sobre as canoas que afundavam, ainda assim, sua fala ressalta o contentamento e a satisfação em estar naquela lida.

Sua narrativa costuma ressaltar a beleza de seu ofício: a saída das canoas, as cantigas de *beira-mar*, a espera das pessoas na beira do rio apreciando a saída e a chegada dos canoeiros, as canoas enfeitadas, a malandragem, a farra, a festa, a ‘colegage’, a união.

Além disso, descreve a atividade comercial realizada pelos canoeiros em suas viagens ao longo do rio e à rede de relações socioeconômicas estabelecida entre canoeiros, donos de canoa, donos de armazém, ferroviários, comerciantes, tropeiros e carroceiros na cidade de Araçuaí.

Talvez, mais do que re-viver o passado, o traço mais marcante do seu depoimento tenha sido a oportunidade de re-sentir cada episódio de sua aventura no rio. O relato de seu Mané Preto mais parece uma odisséia, marcado pela saudade e pelo entusiasmo com que narra suas aventuras no rio.

Eu trabalhei uns três ano no rio. Era tempo que levava as carroça para os armazéns, então transportava dos armazéns para o rio. O Calhauzinho¹³, né, tinha aquele praião bonito e nós acampava

¹² Mané Preto, um senhor alto, forte, de pele bem morena e feição marcada, mais pela vida do que pela idade, tinha 71 anos quando estive em Araçuaí, pela primeira vez, em 1996.

¹³ O rio Calhauzinho é um afluente do rio Araçuaí. Além disso, era o porto de onde saíam as canoas dessa cidade.

naquela praia.

Ali, os carregador chegava com as carga, nós carregava a canoa e descia rio abaixo. O Jequitinhonha longe, você precisava de vê. Descia o rio abaixo, pegava um montão de cachoeira pesada, ia passando e ia embora, para pegar Jequitinhonha, Almenara, até Salto da Divisa nós ia.

[...] Na época das água [época de chuva], era uma beleza, saía daqui mais era rapidinho chegava lá. Tinha muita água, o rio tava liso, aí ia embora. Porque tinha aqueles grau prá gente passá, tinha grau que não passava, muitos lugá perigoso que não passava. Então, quando assim, meio liso, que dava prá passá, a gente ia embora direto. Agora, de lá prá cá [subir o rio], pelo amor de Deus. Era um Deus me acuda.

A gente via, tinha aqueles pedaços de pau, puxando canoa, puxando regera¹⁴ pru lado de fora prá salvá aqueles lugá ruim, pedaço de cobra, dormia junto com cobra, sapo, era tudo. Nós lutô muito, lutô muito. Então, nós ficô aí um tempo, aí as canoa foi acabano, até que acabô tudo.

Não tinha rodagem nessa época, não tinha carro, não tinha nada. O transporte era do rio. [...] Pegava 4, 5 canoa prá carregá estudante prá Jequitinhonha. Levava e trazia de novo prá qui. Ocasião de férias era aquele Deus me acuda, nós trazia aquele povão.

[...] Iam 3 pessoas na canoa, 3, 4. Às vezes, ia o dono da canoa também. Ia o dono da canoa mais os trabalhador, era só três, um piloto, dois proeiros. Agora, chegava tinha o Estreito muito perigoso, no Estreito, nós carregava, às vez, a carga, conforme o grau do rio, então, nós tinha que carregá o sal nas costas. Passa por terra, então, passava a canoa arriada no Estreito.

Canoa arriada era o seguinte: um amarrava uma corda na frente, outra atrás e uma no meio, e soltava ela sozinha. [...] passava por baixo d'água e ia embora, aquela correnteza arrastando a gente, pulando de pedra em pedra, ia embora. Quando chegava lá embaixo, tirava a água e tornava a rumá e ia embora.

Aí, passava, né. Ia com a canoa, às vezes tinha um, eles chamava

¹⁴ Regera é o mesmo que corda.

“Canoa não é força, é opinião”

Caldeirão, então, eles falava: “lá vem o Caldeirão”, aí passava, né.

[...] ... tem pedra aí que tem pilãozinho, que pode socá café, de fazê escora. Não é assim: ‘água mole em pedra dura, tanto bate até que fura’. Inté no rio tem lugá que as canoas tudo viajava, de modo a fazê travessa de um lado prá outro, pegava sempre num lugá só e ficava a marca [...] a gente fazia 2, 3, 4 pilãozinho assim, onde a ponta da vara pegava.

[...] Então, era muito bonito, aquela vida divertida, nós descia com 4, 5 canoa, 6 canoa. Descia uma atrás da outra, aquela beleza, aquela maravilha, tudo alegre, só se vendo, era forçado, mas tudo alegre, satisfeito, uma comida boa que ocê precisava de vê...

Em 1999, a conversa iniciada na cozinha de sua casa, estendeu-se às ruas da cidade e à casa do canoeiro Dema¹⁵ que, segundo Mané Preto, foi seu *mestre e professor* nas águas do Jequitinhonha. Com Dema, Mané Preto dividiu o trabalho no rio e na estrada – ambos trabalharam no DER – e, também, o *trabalho* da memória.

O início da nossa caminhada foi em busca de um pedaço de canoa, a Alefoa, que estava na casa da família de um antigo canoeiro. Enquanto andávamos, Mané Preto ia descrevendo o preparo das canoas e a arte de enfeitá-las e nomeá-las; fazia-o com tal envolvimento, e tal zelo, que mais parecia descrever um ‘ser’ que lhe inspirasse cuidados.

Inté as canoa tinha um nome, nós punha nome nas canoa, pintava aquilo bem pintadinho, pintava ela toda, mas era um trem tão bonito. A regera, tinha aquela regera, então falava: ‘vamo penteá o cabelo da Alefoa?’ Eu não lembro nome de tudo, lembro dessa que era uma canoa que aqui chamava Alefoa. Então, fazia aquela regera, pegava uns toco de pau assim, e ia enrolando a regera certinho, e ali enchia de flor. Nós enfeitava aquilo, quando pegava que carregava a carga, tinha uma lona, nós passava a lona,

¹⁵ Dema é da cidade de Jequitinhonha, mas mora em Araçuaí há muitos anos. Ele é mais novo que Mané Preto – tinha 64 anos na época da entrevista – e vem de uma família de canoeiros. Aposentou-se, também, pelo DER (Departamento de Estradas de Rodagem), mas continua trabalhando em sua casa, “fazendo de tudo um pouco”.

reburçava¹⁶, que passava em rebentão d'água que não molhava a carga, prendia a lona assim com umas vara, prendia a lona, a água passava corrida, porque tinha lugar que a água passava assim, ó [mergulhava], entrava e saía lá embaixo. Nós fundava canoa, tinha hora que fundava, ela ia embaixo, sortava a carga embaixo, aí ela saía. [...] Mas era bonito, moça, a canoa bem cuidada, pintava tudo direitinho, aí eles falava: 'ah, vamo penteá o cabelo dela' e enchia de flor. E eles já saía cantando também. Quando nós saía daí, da Barra do Calhauzinho, já saía cantando, às vezes a beira de rio enchia assim de gente prá ver, que chamava atenção, os beira-mar bonito, chamava atenção da pessoa.

Ao falar sobre a *Alefoa* e as demais canoas, que também tinham nome, Dema fez o seguinte comentário: “era tudo pintada, era uma coisa feita realmente com muita *ciência*”.

A palavra *ciência*, além de ser empregada por Dema para discorrer sobre a arte e o conhecimento necessários quando da feitura e enfeite das canoas, pode, ainda, estender-se a outras dimensões da fala dos canoeiros, como quando falam em ‘*dar o desconto*’, coisa que só ‘*quem é bom piloto*’ consegue fazer, principalmente porque conhece, no rio, ‘*pedra por pedra, canal por canal*’ e, assim, é capaz de conduzir e comandar a sua canoa.

Este ‘*fazer com muita ciência*’ pode traduzir-se, dessa forma, num saber específico e particular de viver no rio, mas também de viver no Vale e viver no sertão. Uma sabedoria que permite ‘conduzir’ e ensinar a fazê-lo, porque se conhece ‘o fundamento das coisas’.

Podemos intuir que a *ciência*, da qual Dema está falando, seja a capacidade de observar o cotidiano e de se observar vivendo e praticando esse cotidiano. Sendo assim, essa *ciência* pode ser entendida, também, como uma arte de ‘saber-fazer’, que assume um significado de observação, de prática e de uma experiência diária que acaba por ‘facilitar’ a dureza da vida e do trabalho.

Por sua vez, esse ‘saber-fazer’ pode traduzir-se, ainda, num processo de aprendizagem e numa produção de conhecimento que se dá a partir de outras linguagens, de outras relações, de interpretações e compreensões de mundo e modos de vida que tira ‘do seu apanhado’ a maté-

¹⁶ Reburçar é o mesmo que cobrir.

ria do seu saber e do seu fazer, como é possível perceber nessas palavras de Dema quando se refere às composições do beira-mar: “o beira-mar, isso era feito de improviso, da atividade mesmo do canoeiro e não é questão de ser curioso, mas é questão de observação. [...]. Então, cê fazia letra do seu apanhado e dava certo”.

Da mesma forma que a palavra *opinião*, destacada e enfatizada no discurso de um dos canoeiros – seu Odilo Paulo –, a palavra *ciência* também adquire um significado especial no contexto estudado. *Opinião* e *ciência* cruzam-se no momento em que dizem mais do que seus significados imediatos. Os termos empregados traduzem significados diferenciados e especiais neste contexto. São termos, como vimos, de significados múltiplos. Embora polissêmicos, eles têm uma aplicabilidade muito precisa neste contexto. Não são termos sobre os quais se pense ou reflita, mas que servem como guia, como instrumentos de vida e de sobrevivência, no rio, nas estradas, no sertão.

No início desta conversa, Dema e Mané Preto começaram a lembrar, juntos, os nomes dos canoeiros da cidade de Araçuaí. Aos poucos, este fio da memória foi se desenrolando em outros nomes e em outras funções: dos canoeiros partimos para os donos de canoa, para os donos de armazém e para a rede de relações comerciais e interpessoais que ia sendo tecida ao longo dos rios Araçuaí e Jequitinhonha e no encontro – ou desencontro – do rio com a estrada de rodagem.

Da mesma forma, o movimento de canoas, o trem de ferro, as tropas e as estradas estão intimamente ligados no relato desses canoeiros. Eles perpassam e remetem aos caminhos e crescimento da cidade de Araçuaí e do Vale do Jequitinhonha como um todo. Tanto o rio quanto a estrada passam a ser espaços reconstruídos através do processo de rememoração desses canoeiros. Eles descrevem a vida em movimento no tempo e no espaço do rio, mas também descrevem a vida em movimento no tempo e no espaço do trilho e da estrada.

E ao fazerem isso, eles estão, na verdade, construindo e reconstruindo territórios, pois esses espaços que ocupam – seja através da memória/lembança ou de forma concreta – estão plenos de significados sociais, de relações que se estabelecem entre homens e entre estes e o meio que os cerca. Dessa maneira, é possível pensar no rio como território. Um território possuidor de marcas identitárias, de marcas de travessias e de códigos de linguagem criados pelos próprios canoeiros,

como os nomes dos canais e dos pontos do rio e os pilões que iam se formando nas pedras quando nelas escoravam o remo.

Foz: à guisa de conclusão

Conforme enunciado na introdução, a proposta deste trabalho era contar o Vale do Jequitinhonha através do olhar do canoieiro e de suas memórias, procurando entender qual o processo de rememoração e de reconstrução do passado por ele vivenciado. Um passado vivido em um cenário, o sertão mineiro, e na realização de um ofício que lhe exigia não apenas força, mas *opinião*, expressa na honra, na coragem, na perseverança, na dignidade.

Antes considerada uma das regiões mais ricas do país, o Vale do Jequitinhonha passa a ser visto como uma “área de pobreza absoluta e estagnação secular”, tornando-se, assim, para o poder público, “uma ferida de subdesenvolvimento em Minas Gerais” (Moura 1988:1).

O trabalho com memória de canoieiros vem, justamente, no sentido de fazer conhecer uma outra face dessa história – não oficial – que revela, através das pessoas e dos cenários/sujeitos que narram, uma outra forma de ler o Vale e de questionar esses pressupostos que lhe atribuem conotações tão negativas.

Registrar memórias não significa apreender o todo de uma vida, mesmo porque isso seria uma tarefa impossível, nem apreender verdades absolutas sobre tal ou qual assunto. A memória é seletiva, nem tudo fica gravado, registrado e nem tudo é lembrado. Existem muitos silêncios, muitos esquecimentos, muitos vazios.

O que se tem, então, são fragmentos de memória. Fragmentos, estes, que podem repetir-se, unir-se e encaixar-se como peças, entre si e/ou com ‘peças’ trazidas pelas lembranças de outras pessoas.

Ao traçarem sua trajetória no rio, num movimento de ir e vir – realizado tanto com a canoa quanto durante o processo de rememoração –, de lembrar e esquecer, os canoieiros urdiam, no próprio rio, o tecido de suas reminiscências.

E nesse movimento contínuo, sem começo nem fim, o movimento da canoa e do canoieiro no rio se intercalam e, até mesmo, se confundem com o seu processo de rememoração e de reconstrução do passado.

Existe, nesse processo, um reviver, mas existe também um reconstruir que reflete uma releitura e uma ressignificação da própria vida, seja ela de sofrimento, de satisfação, de orgulho, de *opinião*.

Os canoeiros narram fatos semelhantes com a peculiaridade de cada um que os viveu e os interpretou, e do modo como o extraíram de sua experiência – seja ela pessoal ou contada por outras pessoas –, sem pretender, com a narração, “transmitir o ‘em si’ do acontecido, mas tecendo a narrativa até atingir uma forma boa” (Bosi 1987:46).

O trabalho com história oral costuma trazer fatos, acontecidos ou não, de forma subjetiva. É preciso estar atento às interpretações e apreensões pessoais que cada um faz de sua história.

Para Thompson (1992:183),

[...] a mesma subjetividade que alguns veem como fraqueza das fontes orais pode também fazê-la singularmente valiosa. Pois a ‘subjetividade’ é do interesse da história tanto quanto os ‘fatos’ mais visíveis. O que o informante acredita é, na verdade, um fato (isto é, o fato de que ele acredita nisso) tanto quanto o que ‘realmente aconteceu’.

Assim, o que torna o fato tão significativo é o modo como ele atua na memória das pessoas. Nesse ponto, a proposição de Pollak (1992:209) de que “a história está se transformando em *histórias*, histórias parciais e plurais, até mesmo sob o aspecto da cronologia” torna-se relevante no estudo da própria História. Esse deslocamento em direção ao que é singular e ao que é universal, ao que é subjetivo e ao que é objetivo, ao que é individual e ao que é coletivo, são movimentos constantes num trabalho que envolve história oral.

Neste sentido, os canoeiros compartilham a mesma linguagem, o mesmo espaço e o mesmo tempo da canoa e do rio – mesmo não tendo trabalhado na mesma época –, eles compartilham a mesma memória coletiva. Seus relatos privilegiam o tempo do rio quando este era ‘a’ estrada. Mas, ao mesmo tempo, com o rio se entrecruzam outras estradas: o trilho, a terra, o asfalto e seus tempos.

Por outro lado, os relatos também privilegiam o espaço ocupado pelo canoeiro, o rio, sendo muitas vezes descrito como um mapa, com seus acidentes geográficos: pedras, poções, canais, dando, assim, ao ou-

vinte, ou ao leitor, o traçado da sua viagem e do seu recordar. Nessa hora, é o espaço que marca o tempo. Como nas palavras de Godoi:

São os espaços como pontos de marcação do tempo. [...] Vemos a memória se inscrever no solo do lugar e, à medida que seguimos a narração, os movimentos feitos não são apenas o percorrer um espaço, são antes a sua própria criação. Assim, o espaço serve para pensar o tempo. [...] Cada aspecto, cada detalhe dos lugares, possui um sentido inteligível somente para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço por ele ocupadas passaram a se constituir em pontos de marcação de um tempo por ele vivido. [...] Para esses camponeses, ler uma paisagem é ler o tempo; a ordem dos lugares-de-memória não está relacionada somente com a sequência da narração, mas nos remete ao já referido sistema de imagens coletivas. [...] a memória coletiva do Zabelê é constituída por imagens-movimentos e, ao invés de o pensamento ser treinado através de uma memória de coisas ou de palavras, ele o é por uma memória de ações". (1999:112-3; grifos meus)

Com os canoieiros do Jequitinhonha, acontece um movimento semelhante aos camponeses do Zabelê, no sertão do Piauí. O espaço também demarca o tempo, os lugares-de-memória são evocados e estão lá: as pedras no rio, os poções, os canais, as marcas dos remos nas pedras. Essas marcas são apontadas pelos canoieiros nas suas narrativas e nos levam a imaginar e a visualizar esses espaços.

Não há como separar tempo e espaço quando se pensa em memória, quando se fala em lembrar. No caso dos canoieiros, o espaço ocupado pelo rio e formado por ele é o local onde se apoia a sua narrativa. Da mesma forma, é o tempo do rio, o ritmo do rio, que dita o fluxo da narrativa.

Antes transmitido através dos mestres e professores do rio aos homens que aprendiam a navegar como se aprendessem a ler, o saber dos canoieiros já não encontra discípulos que deem continuidade a este aprendizado.

Sendo assim, a *ciência* dos canoieiros vira memória, vira lembrança de quem conta seus feitos e sua sabedoria, talvez não mais para o uso prático que se possa fazer dela, mas para que suas histórias – contadas e

cantadas – e seu conhecimento permaneçam na memória de outros coletivos. Histórias, essas, construídas ao longo do rio e do Vale, com muita *Opinião*.

Bibliografia

- BENJAMIM, Walter. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, 1) São Paulo: Brasiliense.
- BITTENCOURT, Luciana. 1995. Tecendo textos culturais: tecelagem, narrativas orais e gênero no Vale do Jequitinhonha. *Revista de Antropologia*, 38(2):187-206.
- BOSI, Ecléa. 1979. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quieroz.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1998. *Memória/Sertão*. São Paulo: Editorial Cone Sul, Editora UNIUBE.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. 1997. *Narrativa, sentido, história*. Campinas: Papi-rus.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP.
- CARVALHO, Francisco Gilmar C. de. 1998. *Madeira matriz: cultura e memória*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP.
- DENZIN, Norman K. 1984. Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. *Dados*, 27(1):29-43.
- GAGNEBIN, Jean Marie. 1994. *História e narração em Walter Benjamin*. (Coleção Estudos, 142). São Paulo: Perspectiva; Campinas: Editora da Unicamp.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. 1998. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In NIEMEYER, Ana Maria & _____ (org.): *Além dos Territórios*, pp. 97-131. Campinas: Mercado das Letras.
- _____. 1999. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp.

- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.
- KOFES, Suely. 1994. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, 3: 117-41.
- LE GOFF, Jacques. 1996. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.
- MOURA, Margarida Maria. 1988. *Os deserdados da terra*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- PEREIRA, Vera Lúcia Felício. 1996. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Editora PUC-Minas.
- POLLAK, Michael. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- _____. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-12.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. 1988. *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. 1996. *Lembranças da terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem: CEDEFES.
- ROSA, João Guimarães. 1986. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. 1975. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- THOMPSON, Paul. 1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em setembro de 2009

Aprovado para publicação em maio de 2010